

THEODOR HAECKER, TESTEMUNHA

Nelson Shuchmacher Endebo

Para Noga

Dentro de duas horas regressarei à Alemanha, e não sei o que se sucederá. Em todo caso, já não poderei mais escrever a verdade. Assim concluía a carta, datada 5 de fevereiro de 1936, que Theodor Haecker enviara de Zurique a um amigo na Inglaterra. Duas semanas antes, o regime Nacional Socialista havia lhe imposto uma *Redeverbot* com imediato efeito, que lhe retirava o direito de fazer aparições públicas na região da Bavária, provavelmente em represália a um ensaio editado em 1932 no periódico *Der Brenner*. Haecker, residente de Munique, ficou isolado. Naquele ensaio, intitulado “Observações sobre Virgílio, pai do Ocidente”, publicado antes da chegada dos nazistas ao poder, Haecker confrontara polemicamente as tendências autoritárias e o filistinismo que caracterizariam a doutrina oficial do Reich, denunciando-os como a falsificação do pensamento que aniquilaria a cultura alemã.

A partir daí, Haecker experimentaria uma vida cada vez mais solitária; compartilharia com tantos outros o grande silêncio do século XX. Em 1937, a despeito da proibição na Bavária, foi capaz de editar seus livros em Leipzig, mas no ano seguinte um mandato de silêncio finalmente o impediria de publicar o que fosse em todo o território do Reich, uma interrupção que pôde corajosamente desprezar com o estopim do conflito. Com o início da guerra Haecker, já um senhor de 60 anos, apóia as atividades secretas do grupo de Resistência pacífica *Die Weiße Rose* [*A Rosa Branca*], formado por jovens estudantes da Universidade de Munique, cujos líderes, os

irmãos Hans e Sophie Scholl, foram guilhotinados pela Gestapo em 1943; e mantém um caderno de anotações tomadas no sigilo da noite, um “diário noturno”, no qual presta contas a si mesmo e a Deus, sob a face do abismo. Trata-se de um livro extraordinário, sobre o qual direi mais a seguir.

Mas quem foi Theodor Haecker? Devemos sobretudo ao germanista Hinrich Siefken o esforço em reconstruir a biografia de Haecker¹; o presente ensaio tomou-o como guia. Alexander Dru, o destinatário da referida carta, teve um papel importante na divulgação da obra de Haecker em língua inglesa² e a introdução à sua edição dos diários constitui uma das mais amplas tentativas de interpretação do conjunto do pensamento do alemão no contexto do pensamento cristão, sobretudo o católico, do início do século XX. Entretanto, se esse texto corrobora vários dos acontecimentos compilados por Siefken, também apresenta numerosas imprecisões relativas às datas e nomes pessoais e, por essa razão, preferi seguir a cronologia provida por Siefken.

Theodor Haecker nasce em 4 de junho de 1879 no vilarejo de Eberbach, no seio do pietismo da Suábia, filho de um contador público de Esslingen. Termina a educação secundária no liceu na cidade do pai, em 1894, com bom conhecimento de latim, grego e francês. Conforme o desejo paterno, e contra a própria vontade, trabalha como mercador para a firma Merkel & Kienlin, onde permanece até 1898; transfere-se para outra companhia localizada no centro portuário em Antuérpia, abandonando-a finalmente em 1901, em busca de uma nova carreira. No inverno daquele ano, assistido financeiramente por seu amigo Ferdinand Schreiber, Haecker

¹ Ver HAECKER, Theodor. *Tag- und Nachtbücher (1939-1945)*. Herausgegeben und kommentiert von Hinrich Siefken. Innsbruck: Haymon Verlag, 1989 (Brenner-Studien, Bd. 9); SIEFKEN, Hinrich e HANSSLER, Bernhard. *Theodor Haecker, Leben und Werk: Texte, Briefe, Erinnerungen, Würdigungen*. Esslingen am Neckar: Stadtarchiv, 1995; assim como SIEFKEN, Hinrich et al. *Theodor Haecker 1879-1945*. Marbach am Neckar: Schillergesellschaft, 1989. Este último contém uma excelente bibliografia de Haecker, compilada por Eva Dambacher.

² HAECKER, Theodor. *Journal in the Night*. Translated by Alexander Dru. Londres e Nova York: Pantheon, 1950.

ingressa na Universidade de Berlin, onde estuda com, entre outros, o filósofo Wilhelm Dilthey e o filólogo Ulrich von Wilamowitz-Moellendorf, e adquire amplo conhecimento das literaturas européias e das ciências humanas. Não chega a obter o diploma. Por volta de 1905, vem ao conhecimento público o envolvimento direto do pai de Haecker em uma fraude com dinheiro público; tal escândalo inviabiliza a permanência da família em Esslingen. Haecker se muda para Munique, enquanto o pai fixa residência em Stuttgart. Munique será depois o palco do nascimento do Partido Nacional Socialista. Entre 1905 e 1910 Haecker frequenta aulas na Universidade de Munique, sobretudo os cursos do filósofo Max Scheler, que ele banca com a renda obtida como redator de um periódico editado por seu amigo Schreiber, o *Meggendorfer-Blätter*. O trabalho assegura uma situação relativamente confortável, e o nome de Haecker aos poucos se torna conhecido do público.

Em 1913 Haecker publica o ensaio *Søren Kierkegaard und die Philosophie der Innerlichkeit* [*Kierkegaard e a filosofia da interioridade* – às vezes referido como *subjetividade*], escrito em uma linguagem ácida e deliciosa, um trabalho pioneiro que ajudou a introduzir o pensador dinamarquês no século XX. Em uma contraposição mordaz com o cético Fritz Mauthner, autor das *Contribuições para uma Crítica da Linguagem*³, Haecker apresenta Kierkegaard como um crítico da linguagem. Para Haecker, a posição de Mauthner proferia de um ceticismo projetado, não-vivido e, portanto, sem conseqüências, ao passo que, em Kierkegaard, o critério da crítica estaria fundamentalmente ancorado na experiência vivida, concreta, de modo que nele o ceticismo produz angústia e temor. O processo de distanciamento promovido pela teoria sofre uma frenagem em Kierkegaard, que a reintegra na carne do homem que sofre e contempla. Mas isso acarreta em alguns problemas basilares: a partir do momento que o objeto de contemplação é a própria existência, não há caminho para fora dos paradoxos que a razão se comina na tentativa de capturar e expressar a si

³ MAUTHNER, Fritz., *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. Stuttgart: Cotta, 1901.

mesma. A implicação efetiva da fé é a tomada do passo para lá da razão, uma abertura para o mistério que fundamenta a própria racionalidade e que permanece incomunicável. A “filosofia da subjetividade” do dinamarquês seria, portanto, oblíqua, lançando mão da ironia e da polêmica para expressar o inefável. É nesse compromisso em articular o conteúdo impossível de paradoxos para reconduzir o pensamento à vida, que Haecker enxerga o crítico da linguagem em Kierkegaard. Em um juízo notável, e que ainda não foi estudado com o cuidado que demanda, percebe em Karl Kraus, o grande crítico da cultura vienense e seu amigo pessoal, um espírito congenial a Kierkegaard, sem que Kraus sequer o tivesse lido⁴. Haecker traduziria ainda várias obras do pensador dinamarquês, incluindo os diários, publicados em dois volumes em 1923⁵.

No início de 1914, impressionado pelo ensaio, o escritor e editor Ludwig von Ficker convida Haecker para contribuir para o seu periódico *Der Brenner*,⁶ editado em Innsbruck, na Áustria, dando início a uma amizade que duraria o resto de suas vidas; a publicação será um dos mais importantes veículos de resistência pública contra o nazismo, e um documento fundamental da resistência católica,⁷ recebendo a atenção de figuras tão díspares quanto os filósofos Martin Heidegger e Karl Jaspers, e o teólogo protestante Karl Barth. Entre os méritos de Ficker está a descoberta do grande poeta Georg Trakl. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Ludwig

⁴ HAECKER, Theodor. *Søren Kierkegaard und die Philosophie der Innerlichkeit*. München: Verlag von J. F. Schreiber, 1913. 57-58.

⁵ É curioso notar também que Alexander Dru foi um dos primeiros tradutores de Kierkegaard (incluindo os diários, publicados pela editora de Oxford em 1939) na língua inglesa.

⁶ “A Tocha”, nome visivelmente inspirado em *Die Fackel*, a publicação editada solitariamente por Karl Kraus.

⁷ A universidade de Innsbruck, que abriga o Forschungsinstitut Brenner-Archiv, disponibiliza gratuitamente, para visualização, todos os números de *Der Brenner* em formato digital em seu website (<http://corpus1.aac.ac.at/brenner/>). A instituição financia a série *Brenner-Studien*, na qual apareceram as obras reunidas de Haecker em 5 volumes, e cujo nono volume é a excelente edição crítica de Siefken dos diários de Haecker.

Wittgenstein⁸ chegou a doar uma soma considerável a Ficker, que repassou uma parte dela para Haecker, embora este a tenha recusado⁹. Em 1915 a revista publicaria um ensaio altamente crítico da direção que a Europa tomava na guerra¹⁰, com o subtítulo, “excertos de um livro a ser publicado em breve”. A guerra força uma interdição nas atividades do periódico, e durante esse intervalo Haecker publica traduções de Kierkegaard e do pensador católico inglês John Henry Newman, um dos grandes prosadores do período vitoriano. Aquele livro apareceria finalmente em 1922, após o término do conflito, com o título *Satire und Polemik 1914-1920*, reunindo textos publicados ou preparados para *Der Brenner*, mostrando uma virulência comparável à de Kraus, escritos em uma linguagem precisa, que extrai do mais elevado senso de ultraje moral um vigor condenatório quase apodítico. Assim como boa parte da obra de Kraus, este é um livro de crítica cultural de interesse ainda hoje, não obstante lide praticamente com as figuras dominantes da cultura de sua época, hoje obscuras. Aqueles leitores que já conheciam Haecker se surpreenderam, entretanto, com o prefácio, escrito em 1921, no qual o autor declarava a sua conversão, naquele ano, ao catolicismo, e simultaneamente reiterava o conteúdo e o estilo dos ensaios ali reunidos. Esse é um evento pivotal na biografia de Haecker, que marca tudo o que escreveria depois, especialmente os diários da Segunda Guerra.

Desde cedo Haecker sabia de sua natureza contemplativa; desde cedo desdenhava de seus próprios poderes, mirando maravilhado o mundo e as forças criadoras. Nunca vagou para longe do reconhecimento de um poder doador. Mesmo em 1940, na lista negra da Gestapo, pôde escrever em seu diário, “O encantamento

⁸Curiosamente, temendo a falência de sua humilde editora, Ficker recusou a publicação, em 1919, do *Logisch-philosophische Abhandlung*, que ficaria famoso sob o nome *Tractatus Logico-Philosophicus* poucos anos depois.

⁹ Ver HAECKER, Theodor. *Tag- und Nachtbücher (1939-1945)*. Herausgegeben und kommentiert von Hinrich Siefken. Innsbruck: Haymon Verlag, 1989 (Brenner-Studien, Bd. 9). P.9.

¹⁰ *Der Krieg und die Führer des Geistes [A Guerra e os guias do espírito, em tradução livre]*

diante do encantamento eu não hei de abandonar”¹¹. Foi um hierarquista, como Simone Weil e Charles Péguy; um homem quieto, de vida monótona, sem grandes aventuras e viagens. Casou-se em 1918 com Margarete Braunsberg, com quem teve três filhos, Johannes, Irene e Reinhard; morou com a família no andar acima do escritório onde trabalhava. Sua recepção na Igreja Católica foi tranquila, e Haecker foi bem recebido por intelectuais católicos, sobretudo em Colônia, onde Carl Muth editava outro periódico importante, o *Hochland*, que seria banido em 1941. Muth convidaria Haecker para contribuir para a publicação após ler e resenhar *Satire und Polemik*. Muth se tornará o outro grande amigo de sua vida. Com seus ensaios em *Hochland* e *Der Brenner*, Haecker se torna uma voz cada vez mais conhecida; para a sua crescente base de leitores colaboraram também as traduções que fez. Além de Newman e Kierkegaard, traduziu as *Bucólicas* de Virgílio, a poesia do inglês Francis Thompson e o controverso *Os Judeus*, do escritor franco-britânico Hillaire Belloc, um livro que rendeu ao autor acusações de antissemitismo em sua defesa da tradição, e que guarda pontos de contato com a influente crítica cultural de T. S. Eliot¹².

O que Haecker certamente compartilha com autores como Belloc ou Eliot é a visão conjuntural da cultura projetada sobre o problema da eternidade. Uma visão crítica, isto é, que Haecker desenvolve a partir de um exame da retórica, da linguagem do poder. Para Haecker, o nazismo se apossou da eternidade, a verdadeira medida dos eventos do mundo, justamente por não ter medidas, e colocou a si mesmo no centro da temporalidade. Se, como ele diz, todas as coisas têm seu *próprio tempo*, elas o têm na

¹¹ “Ich werde das Staunen über das Staunen nicht los”. In.: HAECKER, Theodor. *Tag- und Nachtbücher*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975. p. 83. Todas as traduções das citações deste livro são de minha autoria.

¹² Vale apontar que Eliot foi também um admirador de Haecker. Os dois chegaram a se conhecer em uma rara viagem do alemão à Londres, já em 1938. Eliot aprovou a interpretação católica que Haecker deu a Virgílio em seu livro *Vergil, Vater des Abendlandes [Virgílio, pai do Ocidente]*, de 1931. Walter Benjamin resenhou o mesmo livro com mais reservas, que merecem consideração. Ver o artigo *Privilegiertes Denken. Zu Theodor Haeckers 'Vergil'*. In.: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften. Bd. III*. Hrsg. von Hella Tiedemann-Bartels. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972. Pgs. 315-322.

afluência do *mesmo tempo*. O nazismo seria uma falsificação ontológica das coisas pois, ao se apossar da dimensão ulterior dos eventos humanos, não fez menos do que negar-lhes o tempo que lhes é próprio. O hierarquista Haecker logo viu que a violência e paranóia do Reich se assentavam na ruptura da hierarquia dada, cujo zelo era a missão da Igreja. O processo de desencantamento do mundo se sustenta na confusão entre dois termos, algo que Newman, em sua *Grammar of Assent*, discernira na distinção entre *understanding*, isto é, entendimento, e *apprehension*, apreensão. A apreensão de uma fala não requer a compreensão da mensagem que ela carrega, e assim por diante. A indistinção entre os dois produz uma imagem borrada da hierarquia da própria inteligência humana: a intuição se animaliza, reduzindo-se à reação a estímulos, e o intelecto se refugia em suas capacidades meramente computacionais, em um movimento de debilidade recíproca. O mundo da tradição havia cultivado a centralidade da imaginação, que faz o elo entre compreensão e apreensão, em suas imagens da eternidade e intimações do Mistério; o nazismo, afirmando o *seu* reino de *mil anos* – eufemismo para eternidade –, não poderia aceitar nenhum pensamento que lhes opusesse tais imagens. Como Haecker formula: “O senso do mistério, o entendimento de que eu não compreendo Deus, é o que me preserva da incompreensão das coisas deste mundo¹³”. A programática técnico-científica do partido, com seu domínio profundo sobre a natureza, era uma falsificação da natureza da realidade e, portanto, uma radical inversão do lugar humano.

Não é à toa que Haecker encontrou no diário a forma ideal para suas meditações. O diário não é aqui tanto um local de construção privilegiado da subjetividade, mas o ponto onde a confissão encontra a sua liberdade formal e age conforme o compromisso ético de produzir uma contra-história. Só a solidão do diário, em tais circunstâncias extremas, poderia servir de testemunho do homem que

¹³ HAECKER, Theodor. *Tag- und Nachtbücher*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975. p. 62

tenta justificar a catástrofe da história perante a vastidão inconcebível do infinito. O diário aqui é uma forma eminentemente ética de literatura, e Haecker, escrevendo para nenhuma testemunha “externa” – o leitor -, é um pensador ético acima de tudo. Daí o interesse persistente do livro, que de outro modo talvez permanecesse pouco mais que uma apologia cristã, ainda que escrita por um pensador de sensibilidade e inteligência de incomum alcance. Os *Tag- und Nachtbücher* pertencem à linhagem dos diários de Kierkegaard, dos *Cahiers* de Péguy e das *Pensées* de Pascal.

Kierkegaard havia ensinado a Haecker que o domínio da ética se situa, em última análise, no sujeito. O bem não é um princípio a ser demonstrado por fórmulas: é um valor atualizado na prática de homens bons. Por isso, está enraizado nas convicções profundas do sujeito e jamais é um algo aferível de regras abstraídas do círculo da experiência; não se trata de algo derivável de uma lógica pura. Perseguir a verdade, perseguir o bem: um caminho que se escolhe na vida, quando a vida é o próprio caminho, a verdade. A verdadeira dimensão da ética é o paradoxo. A consciência disso é a força que anima as reflexões dos diários. É assim que Haecker pode dizer, sem afetação, que

Se um sátiro imaginasse que teria que prolongar seu trabalho por séculos, ele estaria no Inferno. Naturalmente eu falo de um sátiro que seja um homem genuíno. Karl Kraus certa vez me disse: é preciso que haja um fim; creio que ele tenha escrito isso alhures. E ele o pretendia seriamente. Não acredito que almejasse a imortalidade da alma segundo a fé cristã. Daí o meu temor diante da sátira, para a qual eu não era desprovido de talento e a qual eu cultivei, mais perigosamente, não sem desejo e orgulho.¹⁴

e reconhecer, ao mesmo tempo, que “de um modo geral, raramente somos capazes de desejar alegremente a vida eterna, ou até mesmo de desejá-la. O prolongamento da vida ou é nauseante, ou aterrador.”¹⁵ Em 1943, um dos anos mais sangrentos do

¹⁴ HAECKER, Theodor. *Tag- und Nachtbücher*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975. p. 70

¹⁵ Op. cit. p. 149

século XX, Haecker refletia: se todos os homens fossem naturalmente iguais, talvez os problemas sociais não fossem tão complexos. E eles são, este é o primeiro ponto; mas eles *também* não são, e nisto consiste a dificuldade da Justiça”¹⁶. Uma contra-história não poderia ser apenas uma apresentação de fatos contradizendo a história oficial, mas um projeto de reintegração da complexidade do real ao trabalho de testemunho e nisso, mesmo nos momentos em que adota posições dogmáticas, Haecker presta o seu papel: sua fé tem a *forma* de um conflito, e o dogma que professa salienta essa qualidade, que dá vigor e credibilidade ao relato desse homem largado a um só tempo ao absurdo da História e às mãos protetoras da Providência.

Em 1935 Haecker perdeu a esposa para o câncer. Viúvo, pai de dois adolescentes e uma criança, presente na lista negra do partido, estava completamente isolado. A comunicação com amigos se tornava cada vez mais dificultosa. Em 1936 foi oficialmente considerado um *Staatsfeind*, inimigo do Estado. A partir daqui os materiais biográficos se tornam mais esparsos. Seu envolvimento com a resistência, em especial o seu grande prestígio como modelo espiritual do movimento *Die Weiße Rose*, é conhecido, como mostram as cartas de Sophie Scholl a Fritz Hartnagel de 1943¹⁷. Com o início da guerra Haecker esteve sob constante supervisão domiciliar da Gestapo. Compôs seu diário em notas curtas, algumas quase aforísticas, à noite, escondendo as páginas na casa de amigos. No dia em que a Gestapo capturou e executou os irmãos Scholl, quase foi pego pelos oficiais, não fosse a astúcia da filha Irene, que tomou apressadamente a pasta na qual guardara as páginas, sob o pretexto de que estava atrasada para a aula de piano. O isolamento não o impediu de receber propostas de trabalho, que a guerra entretanto embargou; em 1943 foi chamado para

¹⁶ Op. cit. p. 234

¹⁷ Ver também SCHOLL, Hans und Sophie. *Briefe und Aufzeichnungen*. Hrsg. von Inge Jens. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1984; GRAF, Willi. *Briefe und Aufzeichnungen*. Hrsg. von Anneliese Knoop-Graf. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1988; AICHER, Otl. *Innenseiten des Krieges*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1985.

ser editor-chefe de uma nova edição alemã das obras de Kierkegaard, e no ano seguinte, para colaborar em uma nova edição das obras de Santo Agostinho. Em 9 de junho de 1944, sua casa foi destruída nos bombardeios de Munique. No dia 9 de abril de 1945, o mesmo dia em que havia sido recebido na Igreja mais de vinte anos antes, Theodor Haecker faleceria em decorrência de um coma diabético. Seu filho mais velho se encontrava em uma prisão de guerra na Inglaterra; a filha continuava em Munique; e o caçula morreria em um campo de prisioneiros de guerra no início de 1946. Em vida, a difusão de sua obra autoral, que crescera consideravelmente na primeira metade da década de 30, foi comprometida pelo conflito; e posteriormente, pelos longos anos de reconstrução do continente.

Nos anos 50, a tradicional Kösel Verlag, de Munique, reeditou as obras reunidas do autor. Mais recentemente, a austríaca Haymon, juntamente com a Universidade de Innsbruck, publicou edições críticas de seus escritos, incorporando muito material indisponível à época da primeira edição completa da Kösel. Os diários noturnos foram publicados em uma edição popular na prestigiosa série Bibliothek-Suhrkamp, e permanecem uma leitura instigante para as novas gerações. Merecem uma tradução para o português. Neles encontramos, com um senso de urgência irreproduzível, impelido por condições históricas inimagináveis desde o presente, o retrato de uma inteligência privilegiada diante da falência de um longo projeto de civilização. Uma mente que tenta justificar para si mesmo o enigma da fé após testemunhar, em carne e osso, a negação mais destrutiva da teodiceia. Em sua nudez diante de Deus, em sua esperança na redenção da História e no triunfo do bem, Haecker produziu uma das análises mais sofisticadas e interessantes, também do ponto de vista literário, do terceiro Reich; criticou impiedosamente suas matrizes, efeitos e mediações éticos, técnicos, estéticos, teológicos, científicos, linguísticos, psicológicos. Desde 1995, a cidade de Esslingen, onde Haecker frequentou a escola, concede o Prêmio Theodor Haecker para ativistas políticos “de coragem e engenho

exemplares”. O reconhecimento tardio é gradual, compatível com o homem que nos ensinava a paciência. Porque a fé é sobretudo o exercício indiscriminado da paciência. O excesso de fé antecipa a eternidade; a falta a prorroga. Mas a fé que se transforma em confiança preenche de tempo o tempo devido.

Nelson Shuchmacher Endebo é formado em literaturas inglesa e alemã pela Portland State University, EUA, e foi pesquisador bolsista do DAAD na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha. Escreve também no Jornal Rascunho. Vive no Rio de Janeiro. E-mail: nendebo@gmail.com